



Projeto da Anti Status Quo convida o público a passear pela cidade na companhia de bailarinos que realizam performances interativas com a paisagem

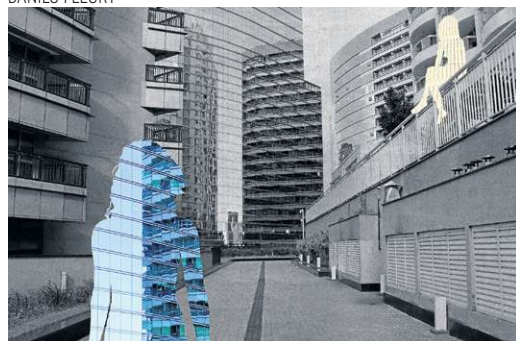
Nahima Maciel

Brasília é cenário e personagem do projeto *Microutopias Cotidianas Aglutinadas do Lugar*, um circuito de performances e caminhada realizado pelo grupo de dança Anti Status Quo (ASQ) até 29 de agosto. Nesta terceira edição do projeto, o ASQ criou, também, uma versão exclusiva para pessoas com deficiência visual. “É um espetáculo bastante visual, e nossa sociedade é muito visual, mas, em vez de só adaptar e colocar uma audiodescritora, a gente refez o trabalho com os mesmos princípios e ideias de reconectar as pessoas com outras sensorialidades para atravessar esse cotidiano da cidade e sentir a cidade de maneira diferente”, explica a coreógrafa Luciana Lara, integrante do ASQ.

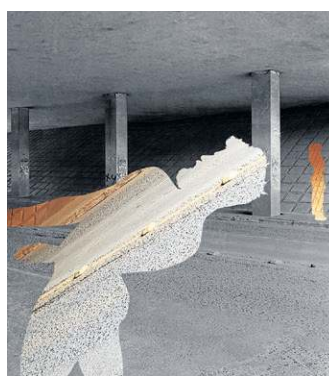
Aos sábados, o *Microutopias* é destinado apenas às pessoas com deficiência visual e, de quarta a sexta-feira, as sessões são abertas a enxergantes. A ideia é levar o público a andar pela cidade e observar detalhes de certas regiões ao mesmo tempo em que os bailarinos da companhia realizam performances e interações com o espaço urbano. Nos sábados, cada um dos 10 integrantes da companhia acompanha uma única pessoa com deficiência, para que a experiência seja completa. Durante a semana, os grupos podem chegar a 20 pessoas. “O espetáculo é fruto dessa pesquisa da relação do corpo com a cidade. Partimos da ideia de sincronidade, parece que a cidade está performando para o público. E com

A cidade extraordinária

DANILO FLEURY



Proposta do circuito é passear pela cidade e interagir com as performances



essa ideia, os bailarinos acionam a cidade com seus corpos para olhar a paisagem e perceber o dia a dia de maneira diferente”, explica Luciana.

O circuito tem início no Centro de Dança e se espalha pela região central da cidade. Tudo

começa com uma experiência individualizada, na qual cada participante recebe um mapa com um conjunto de instruções diferentes para cada público. O percurso começa no jardim da Petrobras, ao lado do Dnit. “A gente faz uma espécie

de mapeamento sensível de um jardim urbano, que olha bastante os detalhes com uma poética de reconexão com memórias. Lembra muito a infância. O cotidiano é tão agitado que você não tem tempo para contemplar, então, esse trabalho

começa com essa viagem individual onde as pessoas vão lendo e olhando essas coisas, quase um compartilhamento das coisas que a gente viu naquele jardim”, avisa Luciana. A proposta é enxergar o extraordinário no ordinário. Em seguida, tem início uma caminhada coletiva por um percurso bastante incomum que propõe o estranhamento da cidade conhecida.

A ideia teve início há alguns anos, com um projeto intitulado Cidade em Plano, no qual a coreógrafa convidava o público a explorar especificidades da capital. Dessa proposta nasceu o *Microutopias*, com um circuito que, no cotidiano, não costuma ser explorado a pé pelos habitantes e visitantes da cidade. “É um trajeto ordinário para revelar o extraordinário que tem ali de vida, de civilização, de cotidiano, tentando se desalienar e se colocar em outro estado de espírito. Como se fosse um filme. Você está caminhando, as coisas estão acontecendo coreografadas para você e você não sabe se é ficção ou realidade”, explica a coreógrafa. A estrutura das performances é pensada para que as ações físicas dos bailarinos estejam sujeitas aos acontecimentos que não podem ser controlados no cotidiano urbano. São movimentos e ações factíveis e possíveis na cidade, cuja intenção é exatamente que se confundam com o cenário e provoquem a confusão em quem assiste.

SERVIÇO

Microutopias Cotidianas Aglutinantes do Lugar

De hoje a 29 de agosto. Ponto de encontro: Centro de Dança do Distrito Federal. Ingressos: gratuitos, com agendamento pelo e-mail microutopiasasq@gmail.com